

A LINHA E O PONTO

Veronique Cauchy

Laurent Simon



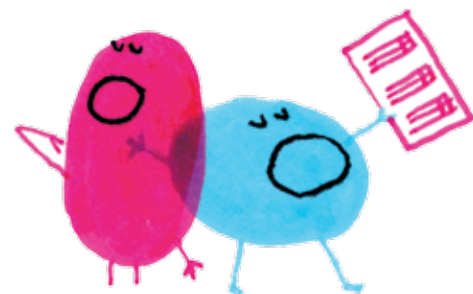
Resenha

Tudo começa quando uma linha e um ponto se encontram pela primeira vez e descobrem que, juntos, podem criar uma série de formas. De uma gangorra a um banjo, de um caramujo a uma hélice de avião. Mas logo começam a se sentir girando em círculos e percebem que precisam encontrar novas possibilidades. O ponto tem a ideia de convidar uma série de outros pontos, gordos e magros, jovens e velhos, para jogar com eles. Agora já podem criar outras formas, como uma flor e um trigo... É quando a linha segue o exemplo e chama também uma série de outras linhas, retas e curvas, tornando possível desenhar estruturas cada vez mais complexas – árvores, locomotivas, bicicletas, balões... Essa infinidade de linhas e pontos não demora a compreender que unidos podem construir uma cidade inteira. Uma vez pronta a cidade, ela parece quase perfeita, mas eles sentiam que ainda faltava alguma coisa: decidiram chamar linhas e pontos de terras distantes para habitar esse espaço, povoando com uma variedade surpreendente de cores a arquitetura que haviam criado. A partir de então, à medida que as linhas e os pontos oriundos de lugares diversos se mesclavam, criando cores novas, a cidade se torna verdadeiramente cheia de vida.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Veronique Cauchy e Laurence Simon nos apresentam uma fábula gráfica a respeito de temas como imigração, inclusão e tolerância. Como protagonistas, temos a linha e o ponto, os dois elementos que constituem o plano bidimensional. Texto e ilustração estão indissolivelmente interligados, já que as palavras do texto falam das imagens que as linhas e os pontos presentes em cada etapa da narrativa são capazes de formar. Assim, à medida que a história se desenrola, as ilustrações vão se tornando mais e mais complexas – quanto maior o número de elementos de que dispomos, maior a variedade de universos que seremos capazes de desenhar. Ao final do livro, quando as cores são introduzidas, simbolizando os diferentes povos de diferentes origens que chegam para constituir uma cidade, as ilustrações ganham em vivacidade e passam a explorar a maneira como duas camadas de cores diferentes sobrepostas formam uma terceira cor.



Depoimento

De Pedro Felicio, *ator, músico e pai*

Certo dia, Veronique Cauchy se encontra com Laurent Simon.

Na mesma hora, resolvem fazer um livro infantil.

Parece que era para ser um livro sobre a imigração, sobre o diferente, sobre a construção coletiva dos espaços em que vivemos. Mas os dois tiveram tanta sorte de encontrarem um ao outro, e se deram tão bem trabalhando juntos, que o livro acaba sendo também – e talvez sobretudo – sobre contar histórias e sobre desenhar!

Meu filho mais velho, logo após a Linha chamar seus amigos-linha, inventou a brincadeira de contar quantos pontos e linhas eram necessários para desenhar um balão de ar quente, uma bicicleta (se bem que “dava pra ter desenhado uma bicicleta moderna só com pontos e linhas também, né?”), um guarda-sol.

Então, a Linha e o Ponto resolveram chamar seus parentes e amigos de terras distantes. E isso gerou uma brincadeira ímpar para o meu filho: na página onde as linhas e os pontos coloridos chegam em seu ônibus formado por linhas brancas e pontos pretos, ele começou a desenhar. Sim, estranho e, inclusive, meio proibido aqui em casa desenhar nas páginas dos livros. Mas o movimento de meu filho (que tem oito anos e está numa fase de querer desenhar coisas realistas e copiar desenhos de heróis e criaturas assustadoras) de desenhar sobre o livro apenas com linhas e pontos foi mais forte que a minha proibição.

Daí que o motor do ônibus foi desenhado por ele, assim como uma mochila em um dos pontos, cordas para as bagagens não caírem do teto do ônibus.

E um livro que, para mim, era sobre algo concreto e específico (a imigração) vira uma metáfora complexa, uma analogia entre o desenho e a construção dos espaços coletivos, das comunidades.

Ali, bem na minha frente, Miguel, meu filho, me fez enxergar a metáfora que parecia dispersa diante do meu olhar de adulto. Pudemos, então, conversar muito sobre desenho, e eu – sempre tão interessado em explicar às minhas crianças as metáforas e como uma história pode significar muitas coisas e falar de uma coisa falando de outra – não me preocupei em explicar nada.

Entendi que, pelas cores, linhas, pontos e palavras de uma dupla de franceses, meu filho tinha entendido, com muito mais profundidade do que eu, uma metáfora literária.



Um pouco sobre os autores

Veronique Cauchy nasceu na Normandia, na França, e apesar de desde muito cedo ter contato com a escrita, seguiu a carreira da administração por um tempo, especializando-se em Comércio Exterior. Sua vida, no entanto, mudou após tornar-se mãe, quando se aproximou da literatura infantil. Como autora, publicou seu primeiro livro em 2007. Desde então, recebeu diversos prêmios.



Leia Mais...

Do mesmo gênero e assunto

- ✦ *A casa sonolenta*, de Audrey Wood. São Paulo: Ática.
- ✦ *Flicts*, de Ziraldo. São Paulo: Melhoramentos.
- ✦ *O escuro*, de Lemony Snicket. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Círculo*, de Mac Barnett e Jon Klassen. São Paulo: Salamandra.



SALAMANDRA